

A SEMANA – 248*

28 de fevereiro de 1897

“Domingo próximo é possível que te explique esta confusão da minha alma. Estou certo que me entenderás e aplaudirás.”¹ Assim concluí eu a *Semana* passada. Venho cumprir aquela meia promessa.

É certo que a festa suntuosa de quarta-feira afrouxou em parte a sensação exposta naquelas palavras. A recepção do palácio do governo respondeu ao que se esperava do ato, e deixou impressão forte e profunda.² Aquele edifício que eu vi, há trinta anos, logo depois de acabado, passou por várias mãos, viveu na obscuridade e na hipoteca, passou finalmente ao poder do governo, e o ilustre Sr. vice-presidente da República acaba de inaugurá-lo com raro esplendor. Foi o sucesso principal da semana; mas a semana já não é minha, como ides ver.

Leitor, Deus gastou seis dias em fazer este mundo, e repousou no sétimo. Ora, Deus podia muito bem não repousar, mas quis deixar um exemplo aos homens. Daí o nosso velho descanso de um dia, que os cristãos chamaram do Senhor. Eu não sou Deus, leitor; não criei este mundo, tanto que lhe acho algumas imperfeições, como a de nascerem as uvas verdes, para engano das raposas. Eu as faria nascer maduras e talvez já engarrafadas. Mas criticar obra feita não custa; Deus não podia prever que os homens não se limitassem a falsificar eleições e fizessem o mesmo ao vinho.

Vamos ao que importa. Se Deus descansou um dia, depois de seis dias de trabalho, força é que eu descanse algum tempo depois de uma obra de anos. Há cerca de

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 59, p. 1, 28 fev. 1897), SEMMA (p. 428-432) e SEM1953 (v. 3, p. 424-429). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Ver “A Semana – 247”, de 21 de fevereiro de 1897, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

² Festa realizada no dia 24 de fevereiro de 1897, no Palácio do Catete, para comemorar a promulgação da Constituição Brasileira (24 fev. 1891) – a segunda de nossa história, a primeira da fase republicana. Prudente de Moraes, presidente da República entre 1894 e 1898, não participou das comemorações; estava afastado do poder à época (10 nov. 1896 – 4 mar. 1897) para tratar de problemas de saúde. O vice-presidente, Manuel Vitorino Pereira, que ocupava interinamente a presidência, transferiu a sede do Governo do Palácio do Itamaraty para o Palácio do Catete. A *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 57, p. 1, col. 2-5, 26 fev. 1897), sob o título “A FESTA DE ANTEONTEM”, publicou longa matéria a respeito das comemorações.

cinco anos que vos digo aqui ao domingo o que me passa pela cabeça, a propósito da semana finda, e até sem nenhum propósito. Parece tempo de repousar o meu tanto. Que o repouso seja breve ou longo, é o que não sei dizer; vou estirar estes membros cansados e cochilar a minha sesta.³

Antes de cochilar, podia fazer um exame de consciência e uma confissão pública, à maneira de Sarah Bernhardt ou de Santo Agostinho.⁴ Oh! perdoa-me, santo da minha devoção, perdoa esta união do teu nome com o da ilustre trágica; mas este século acabou por deitar todos os nomes no mesmo cesto, misturá-los, tirá-los sem ordem e cosê-los sem escolha. É um século fatigado. As forças que despendeu, desde princípio, em aplaudir e odiar, foram enormes. Junta a isso as revoluções, as anexações, as dissoluções e as invenções de toda casta, políticas e filosóficas, artísticas e literárias, até às acrobáticas e farmacêuticas, e compreenderás que é um século esfalfado. Vive unicamente para não desmentir os almanaques. Todos os séculos têm cem anos; este não quer sair da velha regra, nem ser menos constante que o nosso robusto Barbacena,⁵ seu grande rival. Em lhe batendo a hora, irá com facilidade para onde foram os séculos de Péricles e de Augusto.

O meu exame de consciência, se houvesse de fazê-lo, não imitaria Agostinho nem Sarah. Nem tanta humildade, nem tanta glória. O grande santo dividiu, é verdade, as confissões humanas em duas ordens, uma que é um louvor, outra que é um gemido, definindo assim as suas e as da representante de Dona Sol.⁶ Faz crer que não há terceira classe, em que a gente possa louvar-se com moderação e gemer baixinho; mas eu cuido que há de haver. A imitar uma das duas, acho que a mais difícil seria a de Sarah. Não li ainda as confissões desta senhora, mas pela nota que nos deu dela Eça de Queirós, com

³ Machado de Assis anuncia aqui o fim da longa série “A Semana”, mas deixa as portas abertas para eventual retorno. As duas crônicas que publicará em 1900 (4 e 11 nov.) também fazem parte da série, mas são, por assim dizer, acréscimos. Quando se afastou, a julgar pelo que diz numa carta a Magalhães de Azeredo, parece que a intenção era retornar ao jornal após algum tempo de descanso: “Ultimamente tenho estado assaz fatigado, tanto que deixei por uns três meses a minha *Semana* da *Gazeta de Notícias*. Era meu plano ir passar algumas semanas fora daqui; mas sucedeu a espera de uma notícia de família, triste e fatal [falecimento de d. Joana Maria, mulher de Miguel de Novais, irmão de d. Carolina – nota informativa de Sílvia Eleutério, em ASSIS, 2011, t. III, p. 229]: isto me demorou e afinal não saio.” (ASSIS, 2011, t. III, p. 227) Ubiratan Machado (2021, p. 90) informa que Olavo Bilac “assumiu a crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, em substituição a Machado de Assis, que se aposentava como cronista. Uma autêntica consagração. Quando se ausentou durante duas semanas, para viajar à Argentina, Machado substituiu-o.”

⁴ Sarah Bernhardt (1844-1923) – atriz francesa, autora da peça dramática *L’Aveu* (*A confissão*), cuja primeira representação ocorreu em Paris (1888) – publicara recentemente no *Figaro* um texto de caráter memorialístico (ver nota 7, e o Anexo ao final desta crônica). Ela atuou na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Santo Agostinho (354-430) era bispo católico, teólogo e filósofo; autor das *Confissões* (397-400).

⁵ Felisberto Caldeira Brant Pontes (1802-1906), segundo visconde de Barbacena, quase centenário àquela altura, era político. Machado de Assis o mencionou em “A Semana – 185”, de 15 de dezembro de 1895, que pode ser lida neste número da *Machadiana Eletrônica*.

⁶ Dona Sol é a personagem interpretada por Sarah Bernhardt (em representação de 1877) na peça *Hernani, l’honneur castillan* (1830), de Victor Hugo.

aquela graça viva e cintilante dos seus três últimos *Bilhetes postais*, não sei como é que uma criatura possa dizer tanta coisa boa de si mesma. Em particular, vá. Há pessoas que, não receando indiscretos, escancaram os corações, e os amigos reconhecem que, por mais que se pense bem de outro, pensa-se menos bem que ele próprio.⁷ Mas, em público, em letra de forma, no *Figaro*, que é o *Diário Oficial* do universo, custa a crer, mas é verdade.

Antes gemer, com esta cláusula de gemer baixinho, e confessar os pecados, mas com discrição e cautela. Pecados são ações, intenções ou omissões graves; não se devem contar todas, nem integralmente, mas só a parte que menos pesa à alma e não faz desmerecer uma pessoa no conceito dos homens. Não especifico, por não perder tempo, e quem se despede, mal⁸ pode dizer o essencial. O essencial aqui é dizer que não faço confissão alguma, nem do mal, nem do bem. Que mal me saiu da pena ou do coração? Fui antes pio e equitativo que rigoroso e injusto. Cheguei à elegia e à lágrima, e se não bebi todos os Cambarás e Jataís deste mundo, é porque espero encontrá-los no outro, onde já nos aguardam os xaropes do Bosque e de outras partes. Lá irá ter o grande Kneipp,⁹ e anos depois o kneippismo, pela regra de que primeiro morrem os autores que as invenções. Há mais de um exemplo na filosofia e na farmácia.

Não tireis da última frase a conclusão de ceticismo. Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la. O verdadeiro cético não crê, como o Dr. Pangloss,¹⁰ que os narizes se fizeram para os óculos, nem, como eu, que os óculos é que se fizeram

⁷ Eça de Queirós colaborou na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), entre 1880 e 1897, com textos escritos diretamente para o público brasileiro. Machado de Assis menciona três de suas colaborações, que se referem a declarações de Sarah Bernhardt em seu “Exame de Consciência” – texto autobiográfico e apologético que a atriz tinha publicado no jornal *Le Figaro*. A primeira delas foi publicada em 20 fev. 1897 (*Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 51, p. 1-2); a segunda, em 21 fev. 1897 (ano XXIII, n. 52, p. 1-2); e a terceira em 22 fev. 1897 (ano XXIII, n. 53, p. 2, col. 1-2). Na primeira, Eça de Queirós ironiza o “Exame de Consciência” da atriz, embora reconheça-lhe o talento: “derradeira inspirada que nos resta, neste século de chata e monótona materialidade”. Na segunda, o escritor trata da fantástica recepção à atriz em Melbourne e ironiza suas viagens de trenó no Canadá, onde era (per)seguida por deputados e senadores. Por fim, na terceira, narra o “caso dos estudantes brasileiros” que “arrancavam os sabres e distribuam cutiladas, porque os não deixavam desengatar os meus cavalos, meter os ombros aos varais e puxar eles a minha carruagem”. Transcrevemos integralmente essas colaborações no “Anexo”, ao final desta crônica.

⁸ despede, mal] despede mal, – em GN e em SEMMA. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 427) justificou: “Na *Gazeta de Notícias*, certamente por erro de revisão, não é esta palavra [despede], e sim a seguinte [mal], que vem seguida de vírgula.” Demos razão a Aurélio.

⁹ Sebastian Kneipp (1821-1897): padre, estudioso e defensor da hidroterapia, ou cura pela água. Essa terapia se tornou verdadeira mania nas últimas décadas do século XIX, e entre seus clientes famosos, listam-se Charles Darwin e o papa Leão XIII. Ver nota 13 de John Gledson em “A Semana – 178”, de 27 de outubro de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, 2021).

¹⁰ Dr. Pangloss é personagem da obra *Candide, ou L’Optimisme* (1759), de Voltaire – François-Marie Arrouet (1694-1778).

para os narizes; o cético verdadeiro descrê de uns e de outros. Que economia de vidros e de defluxos, se eu pudesse ter esta opinião!

Adeus, leitor. Força é deitar aqui o ponto-final. A mim, se não fora a conveniência de ir para a rede, custar-me-ia muito pingar o dito ponto, pelas saudades que levo de ti. Não há nada como falar a uma pessoa que não interrompe. Diz-se-lhe tudo o que se quer, o que vale e o que não vale, repetem-se-lhe as coisas e os modos, as frases e as ideias, contradizem-se-lhe as opiniões, e a pessoa que lê, não interrompe. Pode lançar a folha para o lado ou acabar dormindo. Quem escreve não vê o gesto nem o sono, segue caminho e acaba. Verdade é que, neste momento, adivinho uma reflexão tua. Estás a pensar que o melhor modo de sair de uma obrigação destas não difere do de deixar um baile, que é descer ao vestiário, enfiar o sobretudo e sumir-se no carro ou na escuridão. Isto de empregar tanto discurso faz crer que se presumem saudades nos outros, além de ser fora da etiqueta. Tens razão, leitor; e, se fosse tempo de rasgar esta papelada e escrever diversamente, crê que o faria; mas é tarde, muito tarde.¹¹ Demais, a frase final da outra semana precisava de ser explicada e cumprida; daí todos estes suspiros e curvaturas. Falei então na confusão da minha alma, e devia dizer em que é que ela consistia e consiste, e cuja era a causa. A causa está dita;¹² é a natural melancolia da separação. Adeus, amigo, até à vista. Ou, se queres um jeito de falar mais nosso, até um dia. Creio que me entendeste, e creio também que me aplaudes, como te anunciei na semana passada. Adeus!



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

¹¹ Reminiscência da célebre frase “É tarde! É muito tarde!!...”, do “Segundo panegírico de S. Pedro de Alcântara”, de Monte Alverne (s.d., t. II, p. 407). Frei Francisco de Monte Alverne (1784-1858) afastou-se dos púlpitos em 1836, por estar cego; em 1854, a pedido do imperador d. Pedro II, proferiu esse sermão. Pode tratar-se, também, de reminiscência deste verso do poema “À la Malibran”, de Musset, já citado pelo autor em outras crônicas: “*Sans doute il est trop tard...*” [“Sem dúvida é muito tarde...”] (“*A Semana* – 208, de 24 de maio de 1896); e, referindo-se ao mesmo poema, “e já o poeta achava tarde para falar dela” (“*A Semana* – 222”, de 30 de agosto de 1896). Ambas essas crônicas podem ser lidas neste número da *Machadiana*.

¹² dita;] dita – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

Referências

ALVERNE, Fr. Francisco do Monte. *Obras oratórias*. Rio de Janeiro: Garnier, (s.d.). 2t.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 59, p. 1, 28 fev. 1897. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15839>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011. t. III, 1890-1900.

BERNHARDT, Sarah. *L'Aveu*: drame en un acte en prose. Paris: Paul Ollendorff, 1888.

CHATEAUBRIAND, F. de. *Les martyrs, ou Le triomphe de la religion chrétienne*. Paris: Le Normant, Imprimeur-Libraire; Lyon: Ballanche, Père et Fils, Libraires, 1810. v. III.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

ANEXO

BILHETES DE PARIS AOS ESTUDANTES DO BRASIL
SOBRE O CASO QUE DELES CONTA
MME. SARAH BERNHARDT¹³

I

Mme. Sarah Bernhardt publicou recentemente no *Figaro* uma concisa apologia da sua Vida e do seu Gênio.

Apesar da concisão, tão substancial e recheado de fatos nos aparece este papel que bem penso que a considerável senhora o poderia ter intitulado: – *História da minha Missão e da minha Influência Civilizadora na América do Norte e do Sul*. E se em tal documento, desde hoje histórico, há verdade histórica, vós, aí no Brasil, meus amigos, sois estranhamente culpados! sois horrendamente culpados, oh! meus doces amigos!

Ora, eu creio que a Apologia de Mme. Sarah Bernhardt é sólida e verídica. Ela não nasceu nem da vaidade, nem da ilusão. Não temos aqui uma velha e manhosa atriz que, por hábito de camarim e de “maquilhagem”, devendo recapitular diante de um Público crédulo a sua carreira a sobrecarrega à pressa com grossas pinceladas de púrpura e d’ouro, para lhe dar a radiância postiça dum sol. Não temos aqui também uma ingênua criatura que, vivendo sempre dentro duma luminosa névoa de louvores, perde o sentimento exato da sua estatura, se considera tão grande como esse iluminante nevoeiro a aparenta, e, docemente embriagada, alude à sua grandeza com a simplicidade e a graça lhana com que aludiria à cor dos seus olhos que não pode disfarçar nem pintar. Não! Nesta Apologia de Mme. Bernhardt há meramente uma mulher muito conscienciosa, muito séria, que, em perfeito silêncio e perfeita solidão, longe do sussurro adulator das turbas, se coloca em frente da sua Vida, a interroga, a esquadrinha, e a vive, e não encontrando através dela senão altos feitos, concepções geniais, triunfos riosos, influências nobremente exercidas, se vê forçada (apesar da sua modéstia e da sua humildade) a confessar publicamente, estridentemente, que é heroica, que é genial, que é triunfadora e que bem mereceu dos Povos! Por isso Mme. Bernhardt, muito candidamente, e baixando os olhos, chamou ao seu documento EXAME DE CONSCIÊNCIA.

De resto, os motivos que a levaram a empreender este grave *Exame* garantem a sua veracidade. Senão, vede! A Literatura de Paris, aquela parte da Literatura que mais especialmente vive do Teatro, criando, criticando, noticiando, ou apenas parasitando, resolveu celebrar a Apoteose de Madame Sarah Bernhardt. Apoteose absolutamente legítima. Mme. Bernhardt não é somente a atriz de garganta d’ouro e alada inspiração, que, através dos Dois Mundos, com muita glória e muito lucro, nos tem arrulhado e rugido *D. Sol*, a *Dama das Camélias*, a *Fedra*, a *Teodora* e outras tocantes ou terríveis.

Um mérito mais raro e mais esteticamente precioso a torna merecedora de todas essas honras cesarianas, quase divinas, que (segundo ela afirma) a Terra unânime lhe tem prodigalizado. Como muito bem notou o bom poeta Rostand, num dos sonetos jaculatórios que foram declamados nesse dia da Apoteose (porque agora, em Paris, como em Lisboa, no tempo do Sr. D. João VI, não há festa sem soneto). Mme. Bernhardt é a derradeira inspirada que nos resta, neste século de chata e monótona materialidade, capaz de ressuscitar, com suntuoso idealismo, as emoções e as maneiras das idades Épicas e Romanescas. E este dom é

¹³ *Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 51, p. 1-2, 20 fev. 1897.

inestimável. Só Mme. Bernhardt com efeito sabe ainda descer uma branca e trágica escadaria e parar pateticamente em cada branco degrau, com solenes brocados brancos a arrastar, exalando toda ela fatalidade e terror! Só ela sabe, num altivo cenário de arcarias e douradas abóbadas, atravessar entre alas de escravos ou de príncipes, toda rutilante e hirta com o peso das pedrarias, os olhos hieraticamente estáticos, erguendo na mão um lírio pálido! Só ela ainda sabe, com o braço nu, brandindo um ferro, lançar uma imprecação ao Destino. Só ela pode ainda ser, entre nós, a Cortesã Hindu, coroada de rosas e enamorada dum Deus! Só ela, nestes tempos de crime deselegante, assassina com elegância!... Ora, no meio do descorado burguesismo do Drama Contemporâneo e da chocarrice vilã das Comédias, e da universal fealdade das atitudes, estas coisas grandiosas que Mme. Bernhardt ainda sabe fazer, com tão esplêndido relevo, são uma consolação para os que conservam o salutar amor do Pitoresco e do Romanesco. E acresce ainda que esta privilegiada mulher, quer represente em Paris, quer se exhiba na Nicarágua, todas as noites, depois de muito arrulhar e tão arrulhadamente que ninguém percebe as doçuras que ela arrulhou, e depois de rugir e tão rugidosamente que ninguém compreende os furores que ela rugiu, tem sempre aí, cerca das onze horas ou onze e meia, um momento, dois momentos, em que é genuinamente e incomparavelmente sublime.

De sorte que ninguém, com algum gosto pela paixão e pela sua expressão decorativa, pode regatear a Apoteose a esta Princesa dos gritos magníficos e Rainha das nobres atitudes.

A Apoteose devia consistir num almoço no Grande Hotel, a 30 francos por cabeça, vinho compreendido... Sim, amigos, velemos a face, gemendo! *Grande Hotel* – trinta francos – vinho compreendido!... Que quereis? É a irremediável pelintrice dos tempos. Ah! não! não estamos já no século radiante, nesse Domingo de Páscoa em que Petrarca, vestido com a túnica de púrpura que lhe dera Roberto d'Anjou, trovador e rei de Nápoles, precedido pela Assembleia da Nobreza, toda emplumada e coberta também de escarlata e de ouro, seguido pelo senado nos seus grandes mantos de brocado verde, atravessava as ruas de Roma, entre as aclamações de um povo deslumbrado, sob uma perfumada chuva de flores, para receber nas escadas do Capitólio, das mãos do Síndico Romano, a coroa de louro, a coroa dos antigos triunfos, enquanto ressoavam as tubas e repicavam os sinos, e diante do Poeta se inclinavam todos os estandartes da Itália.

Ah! decerto, Mme. Sarah Bernhardt seria a mulher para atravessar os *boulevards* de Paris, soberbamente envolta na túnica de púrpura de Roberto d'Anjou.

Mas só ela nos resta – e tudo o mais nos falta! Já não há rei de Nápoles, bom humanista e bom trovador, para remeter por uma embaixada a púrpura augusta! Já não há Nobreza que, para uma gala poética, se cubra de veludos recamados de ouro! Já não há senadores arrastando brocados verdes sobre um chão juncado de rosas! Já não há sinos que repiquem, nem pendões que se inclinem quando um Poeta passa! Já não há nada: – há só Mme. Bernhardt, o *Grand Hotel* e um resto de vinho falsificado. Todavia sejamos justos. Além do almoço e do hino, e do soneto inevitável de Coppée, havia no programa da Apoteose – uma Surpresa. Todo Paris, todo o Paris, de teatro, se entreolhava sorrindo com enternecimento (ou com malícia) e se entressegredava a Surpresa. Na véspera da Apoteose, os Jornais, piscando o olho, aludiram à Surpresa. Já mesmo Mme. Bernhardt, séria e grave, conhecia a Surpresa. Sabeis qual era a Surpresa?... No dia da Apoteose, cedo, de manhã, o Estado iria ao *Grand Hotel*, penetraria pé ante pé, na sala do almoço ainda deserta, e, diante do lugar bem enfeitado de Mme. Bernhardt, resvalaria sorrateiramente, entre o prato e o guardanapo, a cruz da Legião de Honra! Esta era a Surpresa.

E foi então que o *Figaro* (com aquele seu belo faro espanhol pelas coisas intensamente picarescas) pediu a Mme. Sarah Bernhardt que procedesse a um *exame de consciência*, recolhesse a sua vida tão largamente espalhada pelo mundo, a interrogasse com severa sinceridade e declarasse depois, perante a Europa, pondo a mão sobre o ardente coração, se na realidade se considerava merecedora da Apoteose, do almoço, do hino, do soneto e da Surpresa. Mme. Sarah Bernhardt, naturalmente habituada aos lances patéticos, não hesitou. E, durante uma longa noite, na sua alcova (ou no seu Oratório, que esta terrível mulher é capacíssima de o ter!) recolhida, *ensimesmada*, segundo a velha fórmula Metafísica, esmiuçou toda a sua vida, nos seus motivos e nos seus resultados, com escrupuloso rigor de quem, estando diante de si própria, se sentia diante de uma Divindade... E ao outro dia de manhã subiu à mais alta coluna do *Figaro*, e muito sobriamente, recusando ao seu discurso esses bordados e labores que prodigaliza nos seus vestidos, declarou que, tendo examinado a sua Consciência, considerava-se merecedora da Apoteose, do almoço, do hino, do soneto e da Surpresa! E assim se considerava porque, além de ser uma artista genial e ter herculeamente trabalhado, concorrera (escutai! escutai! não percais isto!) – concorrera a civilizar a Austrália, o Canadá, sobretudo a América do Sul, e a implantar nessas regiões o amor da França, das letras francesas e da Civilização francesa! E de um modo tão insinuante, com uma graça tão intelectual, que recebera desses povos (escutai! escutai! por Deus! não percais agora este final!) – recebera desses povos ovações, preitos, vassalagens, gritos de reconhecimento, honras quase divinas, como só as recebem os conquistadores d'almas e os anunciadores d'Evangelhos!... E seguidamente Mme. Bernhardt citou, como provas históricas, esses preitos, essas vassalagens. Disse o desembarque triunfal na Austrália. Disse o portentoso cortejo no Canadá, sobre a neve. Disse o episódio pavoroso com as senhoras do Chile. E, por fim, disse o caso supremo, o caso que ultrapassa todos os casos, o caso com os Estudantes do Brasil!

Ah! meus doces amigos, é verdade?... Mas, para conversar sobre este caso, que me sufoca, eu necessito o ar, o espaço e a tranquilidade de outro bilhete.

EÇA DE QUEIRÓS

BILHETES DE PARIS AOS ESTUDANTES DO BRASIL
SOBRE O CASO QUE DELES CONTA
MME. SARAH BERNHARDT¹⁴

II

Agora, neste Bilhete, mais arejado e espaçoso, podemos sem precipitação conversar, ó meus amigos, sobre o caso sufocante. E vós mesmos reconheceréis que ele é supremo e ultrapassa em sombria estranheza todos os casos gloriosamente sucedidos a Mme. Sarah Bernhardt durante a sua jornada civilizadora através dos Continentes novos. Senão, vede! Tomemos respeitosamente o primeiro feito contado pela genial senhora com uma simplicidade tão nobre, no seu *Exame de Consciência*. É a chegada à Austrália. Mme. Bernhardt aporta a essa terra privilegiada da lã e do ouro. No cais de desembarque, tapetado e florido, está esperando por ela, numa trêmula ansiedade, a Municipalidade de Melbourne, com todas as insígnias tradicionais dos velhos municípios ingleses, a dalmática de romeira de arminhos, os quatro trombeteiros, porta-espada e o porta-cetro. Nas docas os apitos de todos os vapores ancorados apitam com desesperado entusiasmo. Em cada torre adeja a Tricolor. Mme. Bernhardt desembarca com essa simplicidade com que sempre desembarcam os verdadeiros conquistadores, os verdadeiros Civilizadores – Santo Agostinho na Inglaterra, Cortez no México. Entra no seu hotel; põe um pouco de pó d'arroz; janta; representa a *Tosca* – e *imediatamente* (como ela diz, em palavras memoráveis que eu não altero) *a colônia Francesa que até aí vivera numa posição subalterna e oprimida, ergueu livremente a cabeça e começou a dominar na Austrália!* – Isto é certamente inesperado. Mas não há, neste feito de Mme. Bernhardt, nada de extravagante ou de estranho. É a clássica façanha, tantas vezes consumada através da História – a libertação duma raça! Mme. Sarah, como Joana d'Arc, arranca à opressão dos ingleses um precioso bocado da França. Com pequeninas diferenças (que nada importam em questões de heroísmo) ela é a *Pucelle de Melbourne*. E notai mesmo a superioridade humanitária de Sarah. A Virgem d'Orleans desoprimiu a França derramando o sangue de Ingleses e borgonheses, e muitas canadas desse sangue pela sua mão, porque a forte virgem não desgostava das rijas cutiladas. Mme Bernhardt ao contrário, não libertou os seus irmãos matando – mas morrendo! Morrendo no 5º ato da *Dama das Camélias*, no 5º ato do *Hernani*, no 5º ato da *Fedra!* Morrendo sempre, pelo punhal, pelo veneno, pela tuberculose! E a cada sacrifício da sua vida correspondia um benefício para a sua pátria! Quanto mais ela desabava morta no tablado, com aquele sublime morrer que é só dela, – mais a Colônia Francesa, levantando a cabeça, se afirmava e estendia o seu domínio! De tal sorte que se ela não cessasse de morrer por ter findado a sua escritura, a Austrália seria hoje uma Província de França, exclusivamente francesa, onde o último inglês estaria comendo o último canguru à sombra do último eucalipto!

Mas, atravessemos os mares e observemos os triunfos novos com que Mme. Sarah Bernhardt é acolhida no Canadá. *Aí* (conta a sonora artista, em frases que humildemente copio) *o meu trenó andava sempre seguido e acompanhado por todos os Senadores e Deputados!* Sem dúvida este cortejo é raro! Mas, não há ainda aqui nada de exótico ou de sombrio. Ao contrário! É um claro, delicado, alegre quadro de neve e de Representação Nacional. A neve,

¹⁴ *Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 52, p. 1-2, 21 fev. 1897.

toda branca, sob um céu todo branco, cobre o Canadá: envolta em peles, Mme. Bernhardt ocupa soberanamente um trenó dourado que fende finamente a neve: e em torno dela, sobre patins ligeiros, de mãos na cinta, a Assembleia Legislativa desliza pela dura neve em curvas airovas, com garbo parlamentar, segundo a ordem do dia. Porque, notai bem o que especializa Mme. Bernhardt. Não são dois ou três deputados galanteadores, ou algum senador desgarrado que segue o trenó de Sarah. Não, são os senadores e deputados *reunidos em assembleia!* Quem vai correndo no sulco branco, através da neve branca, é o poder legislativo! D'outro modo não haveria (conforme acentua Mme. Bernhardt) a intenção social e nacional de lhe dar preito a ela, como a altíssima representante da França. E bem podemos, pois, pensar que as duas Câmaras Eletivas seguiam Mme. Bernhardt *funcionando*, providas do seu presidente e dos secretários, e da tribuna, e do copo d'água, e que celebravam em torno do trenó divino, na carreira jovial, a sua sessão ordinária. Naquele puríssimo ar, sob o fino sol que arranca um fulgor níveo à neve, enquanto o trenó corria, e com ele corria a Representação Nacional, proveitosamente se cruzavam as interpelações, as moções, as remessas para a mesa, as emendas ao orçamento, as afirmações tranquilizadoras do ministério “que há de sempre manter a ordem”, e os apartes vibrantes duma oposição irritada! Abafada, com uma nobre elegância, em espessas peliças, imperialmente reclinada naquele trenó que é um trono, cerrando as pálpebras langorosas, num sorriso indulgente, Mme. Bernhardt recolhe silenciosamente (para a transmitir à França) esta homenagem imensa da Constituição do Canadá! E por vezes mesmo, sem querer, ao saudar um membro do parlamento, com um jeito do regalo, ela choca e derruba um Projeto de Lei, um fecundo Projeto de Lei, que por sobre o trenó ia voando da Câmara Eletiva para a Câmara Alta, e que cai, fica perdido na neve, enquanto o triunfante cortejo rola, e legisla, e já se perde nos horizontes encaramelados onde se agita, negro sobre a alvura, o braço do Presidente, que repica a campainha, porque Mme. Bernhardt vai para o ensaio e a Sessão está encerrada! Contemplemos ainda um instante este quadro consolador, o mais belo, talvez, de que se ufana a História Constitucional do século XIX, embarquemos de novo, descendo ao longo da luminosa costa do Pacífico.

Estamos no Chile e Mme. Bernhardt está conosco. *Aí* (diz ela no seu EXAME DE CONSCIÊNCIA e em palavras impressionantes que eu, com pena rendida, translado) *as senhoras mais distintas e os homens mais elegantes da Sociedade Chilena recitavam diante de mim, para me prestar homenagem, os folhetins inteiros de Jules Lemaître no JORNAL DOS DEBATES que eles tinham aprendido de cor!* “Ah, meus amigos! Desde que pisamos a América do Sul já as coisas se vão estragando – e não nos encontramos aqui diante de manifestações tão naturais e tão socialmente singelas como as do Canadá e as da Austrália. Considerai este quadro, que me parece inquietante. Um largo salão, bem alumiado. Senhoras decotadas, com flores nas tranças, nos olhos um fulgor redobradamente¹⁵ chileno, e o doce peito nacarado a arfar. Em frente, noutra [s]ala, cavalheiros elegantes, talvez condecorados, sorrindo, com o sorrir lívido e arrepanhado de atrapalhão (essa atrapalhão que vós conheceis, a atrapalhão de manhã de exame!) e palpando no bolso traseiro da casaca o jornal que decoraram. No fundo, mamães gordas de nariz pensativo. Entre as portas, papás, passando sobre a calva uma lenta mão que a ansiedade umedece. Dez horas. Um rolar de coche. Madame Sarah Bernhardt entra, arrastando um desses tremendos vestidos de um esplendor quase furioso, compostos especialmente para as Repúblicas espanholas do Pacífico. E imediatamente as lindas damas decotadas, os cavalheiros condecorados, erguendo o braço

¹⁵ Na *Gazeta*: “redobradamente” – caso de haplogogia?

direito, recitam, num coro largo, os folhetins de Jules Lemaître no *Jornal dos Debates*! Não sei se havia acompanhamento d'orquestra. Mme. Bernhardt, no *Exame de Consciência*, não alude à orquestra. Era, pois, um recitativo seco, em que os barítonos exprimiam o que nos Folhetins de Lemaître há sempre de filosófico, e as sopranos, de rutilantes olhos, exprimiam o que neles há de ornadamente melódico. No meio da sala, sob o lustre, Mme. Bernhardt respirava o aroma intelectual e crítico daquela personagem estupenda. Os folhetins de Lemaître ocupavam então no *Jornal dos Debates* duas páginas, e por doze colunas se alastravam. Certamente, de vez em quando, os criados circulavam, oferecendo aos coristas arquejantes água nevada e açucarilhos. Depois de novo os braços se erguiam, o coro majestoso recomeçava e através das janelas abertas os períodos melódicos de Lemaître rolavam, lentamente se esvaíam na noite estrelada do sul, como um incenso de fabricação Francesa ofertado ao Gênio da terra francesa. E, sempre no meio da sala, Mme. Bernhardt imóvel, no seu mirabolante vestido de exportação, com um sorrir divinal, aquele sorrir que hoje é só dela, depois de ter sido de Melpômene, aprovando a boa pronúncia e a boa memória da próspera nação Chilena...

Meus amigos, fujamos deste espetáculo horrífico! Depressa, corramos ao cais de Santiago! Depressa, trepemos ao tombadilho do paquete que fumeja! O mar é benigno porque sabe quem sobre ele vai navegar... Já estamos passando o Estreito de Magalhães, e, ao longe, na costa, avistamos os fogos dos Patagônios. Na Patagônia... Mas deixai que eu consulte o *Exame de Consciência*, glorioso roteiro desta jornada gloriosa. Não! na Patagônia, Mme. Bernhardt, que vai conosco, não teve nenhuma ovação, nem sob a forma de folhetins, nem sob a forma de sessão legislativa. A proa do nosso paquete já rasga firmemente as águas onde se balançavam, hesitantes, as caravelas de Pedr'Álvares. Eis o Rio de Janeiro. Salve, terra amável! O Pão d'Açúcar surge todo cor-de-rosa como uma frente que a alegria ilumina...

Mas a folha do meu bilhete findou – necessito outra folha. Assim, folha com folha, se faz um bosque; – um bosque onde eu me quereria esconder para não presenciar os casos estranhos e sombrios que, com Sarah e por Sarah, se vão passar nesta terra que é quase a minha terra.

Mas aí vem a catraia da alfândega e a *Dama das Camélias*, *D. Sol*, *Fedra*, outras ainda, tocantes ou terríveis, todas numa só, desembarcam.

EÇA DE QUEIRÓS

BILHETES DE PARIS AOS ESTUDANTES DO BRASIL
SOBRE O CASO QUE DELES CONTA
MME. SARAH BERNHARDT¹⁶

III

Enfim eis Mme. Bernhardt nessas terras tão famosas de Santa Cruz, que (segundo se depreende do seu *Exame de Consciência*) ela, à maneira dos Sousas e dos Anchietas, foi simultaneamente conquistar e civilizar. E eu tenho pressa de chegar também ao caso estranho, à homenagem estranha que ela de vós recebeu, oh! meus amigos, tal como vem nesse *Exame de Consciência*, com uma simplicidade, um tom de grave modéstia, que são deliciosamente tocantes. No *Brasil*, (diz Mme. Bernhardt, em palavras que copio e que desejo fiquem para sempre adicionadas à História da República) *no Brasil, os estudantes arrancavam os sabres e distribuíam cutiladas, porque os não deixavam desengatar os meus cavalos, meter os ombros aos varais e puxar eles a minha carruagem!*

Aqui está! É simplesmente esta beleza! E agoraizei se tal caso não ultrapassa em estranheza sombria todos os casos passados com Sarah na sua imortal missão através da América! Ele contém todos os horrores. É a arma furiosamente arrancada! É o golpe e o sangue pingando! É toda uma mocidade, primavera sagrada, que se engata aos varais de uma caleça e puxa trotando! Porque vós puxastes... E o que torna o vosso ato humanamente atroz (por ser tão contrário às leis sagradas da Humanidade nas suas relações com os veículos de rodas) é que vós não puxastes envolvidos e como impelidos por um sentimento universal e congênere. Se todo o Brasil, num unânime entusiasmo, bradasse – *puxemos!* – vós poderíeis muito justificadamente, como cidadãos de uma República, obedecer a essa ardente decisão da soberania popular. Mas não! Ao contrário! Houve *alguém*, e alguém muito respeitável (como observou e contou Mme. Bernhardt) que vos queria impedir de meter os ombros livres aos varais, e puxar! Quem foi esse *alguém*? O Estado, ciumento de que puxásseis a um carro que não era o carro dele? O Gênio da Liberdade, indignado? Simplesmente a polícia zelosa, para obstar a que nas ruas se estabelecesse uma confusão deplorável entre as funções que pertencem aos cavalos e as funções que pertencem aos estudantes? Não sei, Mme. Bernhardt não o revela – mas houve *alguém*. Houve um peito generoso que se colocou entre vós – e os arreios que apeteceis. Vós traspastastes esse peito com um ferro iracundo – e correstes para os arreios! É pois para esse degradante fim que a mocidade acadêmica do Brasil arranca as espadas que lhe pendem da cintura airosa?... Mas sossegai – eu não lançarei aqui um paralelo sublime entre aqueles que se batem para sacudir um jugo e aqueles que se batem para obter um freio!

E não me digais, contritos, que Mme. Sarah é mulher, e que tem gênio, e que visitou a Academia, e que vós contaís vinte estouvadas primaveras, e que o sol do Brasil escalda – e que todas estas circunstâncias estonteadoras vos precipitaram (uma noite em que o vinho de Colares estava especialmente fresco e saboroso) da intelectualidade na cavaliade! Ocas desculpas, meus doces amigos. Quando eu era estudante, também Coimbra foi visitada por belos gênios, sob o sol exaltador de maio, estando já desabrochada a flor do Ponto. Veio um prestidigitador; veio um rabequista; veio a divina Gabriela, que já me não recordo se dançava

¹⁶ *Gazeta de Notícias*, ano XXIII, p. 2, col. 1-2, 22 fev. 1897.

na corda, se representava melodramas, mas que era divina. Nós acolhemos todos esses gênios soberbamente, como homens livres. Convidamos o rabequista a cear, na taverna do Cavalheiro, essa sardinha e esse bife sombrio, que, desde os tempos d’El-Rei D. Dinis, a academia em Coimbra oferece às almas onde descobre verdadeira grandeza. Nessa ceia, justamente, o Colares esteve, como nunca, fresco e saboroso – e mais tarde, alta noite, na calçada dos Apóstolos, sob o luar enfiado de maio, espancamos o rabequista. À divina Gabriela dedicámos sonetos excelsos, de sutil conceito e coruscante rima. Depois um belo moço passou, cravou em Gabriela um olhar fatal e negro e Gabriela seguiu o belo moço para uma casinha branca que ficava entre as acácias de Santa Clara, onde a vida lhe correu, submissa e doce, concertando a roupa branca do moço belo que passara. Assim Coimbra, no meu tempo, tratava os gênios que a visitavam, exatamente como Jerusalém tratava os profetas que a ela vinham – e que logo eram submetidos pela sua força, ou corrompidos e presos pelo encanto da sua graça. Decerto, ninguém na Europa queria que vós espancásseis Sarah. Esses desastres são mais adequados aos rabequistas. Mas seria honroso para o Brasil e para a sua mocidade que Sarah, a triunfal, se quedasse entre vós, com o coração vencido, nalguma clara chácara, entre mangueiras, concertando roupa branca! Não! em vez disso, depois de duras cutiladas naqueles que vos queriam salvar do humilhante serviço – desengatastes as éguas de Sarah, lançastes aos ombros democráticos os tirantes de Sarah, e puxastes a caleche de Sarah, trotando, talvez relinchando!

Caso horrífico – e inesperadamente novo. Que o céu seja ardente ou gélido, por toda a parte a mocidade é excessiva e fantasista. Em Coimbra eu assisti aos delírios mais variados – e de todos partilhei. Fizemos três revoluções; derrubamos Reitores excelentes, só pelo prazer de derrubar e exercer a força demagógica; proclamamos uma manhã a libertação da Polônia, mandando um cartel de desafio ao czar; penetramos, em comissão, num cemitério para intimar a Morte a que nos revelasse o seu segredo; destruimos uma noite, através da cidade, todos os mastros e arcos de buxo e molhos de bandeiras e obeliscos de lona, erguidos para celebrar não sei que glória nacional, porque eles contrariavam as leis da nossa Estética; abandonamos a Universidade, num clamoroso êxodo, para ir fundar nos arredores do Porto uma civilização mais ou menos em harmonia com o nosso horror aos compêndios; atacamos e dispersamos procissões por as não considerar suficientemente espiritualistas; organizamos uma associação secreta para renovar a guerra dos Titãs e destronar Jeová... Fomos medonhos – e quase todos os anos nos batemos com as tropas que o governo mandava para nos manter dentro da decência e do raciocínio. Na realidade (com exceção de estudar) tudo fizemos: – mas nunca metemos os ombros a varais de carros, nunca puxamos...

E todavia, todavia... Sim! puxamos! Nem eu desejo esconder esse fato, que nos honra. Puxamos, em 1867. Puxamos uma pesada caleche forrada de damasco azul, a galope, relinchando de puro entusiasmo... Mas sabeis vós quem nós assim puxávamos através das históricas ruas de Coimbra? O vigésimo oitavo rei de Portugal, que descera do seu trono oito vezes secular para visitar a Academia. E sabeis vós o que fizera esse rei, para que nós assim o puxássemos com tão quadrupedante e relinchante amor? Esse rei magnânimo, logo ao entrar em Coimbra, por aquela Ponte Velha, que foi talvez o mais doce, poético e encantado lugar da terra, ergueu a sua mão real e concedeu à Academia oito dias de feriado! Oito dias de feriado!... Desde logo (como compreendeis) este nobre rei tomou para nós as proporções augustas dum Trajano, dum Tito, dum Marco Aurélio, dum desses imperantes providenciais, a quem Deus, por suas próprias mãos, compõe uma alma especialmente virtuosa para que eles tornem os povos ditosos. Um tão imenso benfeitor não poderia ser puxado através das ruas de Coimbra pelos

mesmos animais inferiores que puxam os ônibus, as carroças do lixo ou as vitórias da burguesia iletrada. À sua grandeza moral competiam, como a glória de Alexandre, o Grande ao entrar em Babilônia, fulvas parelhas de leões de juba heroica. Em Coimbra, porém, (pelo menos no meu tempo) não abundavam os leões. Os únicos animais superiores e heroicos éramos nós, os estudantes. Os lentos, esses, sempre os consideramos como animais inferiores e, além disso, irracionais. De sorte que não hesitamos perante este serviço de cocheira. E para que esse nobilíssimo rei fosse nobremente puxado – puxamos nós, com nobreza. Metendo os ombros aos varais cumprimos um alto dever cívico, porque conservamos àquele rei admirável, que nos dera oito dias de feriado, o prestígio e o brilho vitorioso que lhe falhariam se o puxassem simples cavalos sem educação, sem exames de latim e lógica, sem noções de direito romano, sem opiniões metafísicas, sem luvas, sem ideal!

Aqui estão os motivos transcendentais por que nós puxávamos a carruagem – quando puxávamos. Mas vós, desgraçados!... Mme. Bernhardt não vos deu oito dias, nem mesmo um solitário e curto dia de feriado – e vós desengatais os cavalos da *Dama das Camélias* e trotais sob as rédeas de *Fedra*! Que fareis vós, então, quando de novo possuireis um Imperador ou um Rei, e esse Imperante, na sua amorosa visita de reconciliação à Mocidade, vos der oito, ou talvez (porque no Brasil é tudo grande) dezesseis dias de feriado! Dezesseis dias! Oh! meus irmãos de além-mar – dezesseis dias! Que fareis então, nesse deslumbramento incomparável? Decentemente não podeis prestar a esse Imperante magnífico as honras que destes a uma bela dama, só porque ela recitava Racine – pondo os seus moribundos olhos em alvo. Vós desperdiçastes, assim com uma simples atriz ambulante, a homenagem que a Humanidade (pelo menos deste lado do Atlântico) reserva para os Profetas, os Enviados de Deus, os grandiosos dadores de feriados!

E o mais desgraçado é que agora toda a cômica genial ou dançarina sublime que vá ao Brasil, espera a vassalagem que prestastes a Sarah e que Sarah papagueou logo estridentemente ao mundo, de cima da coluna triunfal do *Figaro*. Certamente em breve receberéis a visita da falada Rejane, de Hading, a bela, ou da muito garota e muito plangente Ivette Guibert. E, arrepiado de horror, já daqui vejo essa Guibert, horas depois de desembarcar na vossa terra, descendo as escadas do hotel, calçando aquelas imensas luvas pretas que são a parte mais considerável do seu talento, e dizendo risonhamente ao criado:

– Estou pronta... Mande engatar os estudantes.

E por fim, para findar, sabeis vós qual é o verdadeiro e íntimo horror do vosso caso? É que vós nunca arrancastes essas espadas (que de resto não usais) e nunca na realidade puxastes a essa carruagem que Mme. Bernhardt concebeu. Mas todos vós, que tendes algumas noções, mesmo incertas, de Metafísica, conheceis o grande princípio de Kant. Este ultraprofundo filósofo estabeleceu que para nada importa a existência ou não existência das coisas – e só importa a crença ou não crença que os homens têm nas coisas. Assim é perfeitamente indiferente que Cristo, como Cristo, existisse realmente numa certa província Romana que se chamava a Judeia: o que importa, e importou para a transformação do mundo, foi que os homens acreditassem na existência de Cristo, como Cristo. No universo não existe, com certeza, senão o Pensamento – e desde que o pensamento se concreta e cria um ser ou um fato, esse fato ou ser *existem*, e de uma existência indestrutível, porque participa da indestrutibilidade do Pensamento. Ora, hoje toda a Europa culta que lê o *Figaro* claramente e firmemente crê que vós puxastes a essa carruagem que o fogoso pensamento de Sarah criou, para sua maior glória. E, portanto, segundo esse sólido princípio de Kant que todas as escolas reconhecem – vós puxastes... E agora, para todo o sempre, na Europa que lê o *Figaro* a ideia

de estudantes do Brasil se ligará a arreios, a freios e a uma caleche cheia de Bernhardt, que rola, num trote entusiástico, levando entre os varais, em vez de burros, doutores.

Tal é a derradeira criação da pérfida Sarah! Quando ela voltar ao Brasil não lhe arranqueis o coração pelas costas. E depois considerai que a inspirada senhora necessitava justificar a cruz da Legião de Honra – e deslumbrar, com uma estupenda lista de triunfos, o Estado, que lha devia resvalar entre o prato e o guardanapo. Por isso no Brasil ela vos atrelou à sua carruagem! Por isso no Canadá arrastou atrás do seu trenó o Poder Legislativo! Por isso forçou aquelas pobres senhoras do Chile a recitar os folhetins do bom Jules Lemaître, que é influente na *Revista dos Dois Mundos* e portanto nos Ministérios... E tudo de balde, oh gentil *D. So!* O Estado, obtuso e duro, não se comoveu, não foi ao *Grand Hotel*, pé ante pé, meter entre o guardanapo e o prato de Sarah a cruz da Legião de Honra. Mme. Bernhardt necessita portanto apresentar outra lista de triunfos ainda mais decisivos, de homenagens ainda mais prodigiosas! E para o ano, quando voltar a estação das Apoteoses e das Cruzes, a boa Mme. Bernhardt, rigidamente sincera e verídica, trepará de novo à alta coluna do *Figaro*, e publicará, perante a Europa atônita, outro *Exame de Consciência*, em que dirá, com palavras que para sempre ressoarão através da História:

– “Nos Estados Unidos do Norte, todas as manhãs, antes d’almoço, eu trotava pelas avenidas de Washington montada no presidente McKinley!

EÇA DE QUEIRÓS